

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XVIII

JULHO A DEZEMBRO DE 1918

N.º 7 A 12

Poesia e numismática

A leitura de um curiosíssimo folheto, separata d' *O Archeologo Português*, XI, 65 sgs., devido ao Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos e intitulado *Poesia e Numismática*, a propósito dum opúsculo do séc. XVII em que se descreve poéticamente uma moeda, sugeriu-nos a idea de reúnir umas notas em que se apontam algumas outras relações entre a poesia e a numismática portuguezas.

Principiaremos por nos referirmos ao grande poeta autor do nosso melhor poema heroi-cómico, *O Hyssope*,—António Dinis da Cruz e Silva. No volume V das suas poesias, a p. 61, vem uma ode pindárica dedicada ao «conde reinante de Schaumbourg Lippe, marechal general dos exércitos portuguezes».

Ora esta ode deu lugar ao idílio 23 que vem a p. 291 do volume II das *Poesias* de Dinis, e traz a seguinte rubrica: «Foi feito por occasião de haver o conde de Schaumburg Lippe, mandado da Alemanha, onde então se achava, uma medalha aberta em honra sua, ao Auctor, em reconhecimento da ode pindarica, que este lhe offerecera». De esta ode transcreveremos a parte em que se descreve a medalha.

..Estas, que em torno

Entalhadas se vêem da face augusta
Guilherme a dizer vêem de Lippe conde,
E de Schaumburg na illustre, antiga casa
Principe soberano. Da outra parte,
As que em roda se leem das lúas tropas
Por supremo caudilho o apregoam.
Est'outras, que debaixo d'essa c'roa
Abertas apparecem, significam
Que este premio será somente dado
Do engenho ás grandes forças..

Se compararmos esta descrição com a que vem a p. 35 do Lopes Fernandes e com a respectiva gravura, veremos que a do Dinis é bastante exacta.

Por ocasião de Dinis receber esta honra do Conde de Lippe, fez-lhe o seguinte epigrama:

Se no campo marcial Guilherme armado
No valor Alexandre parecia,
Em a paz o parece desarmado,
Honrando liberal a poesia.

António Dinis coleccionava diferentes cousas: mineraes, conchas e outros productos da natureza, preciosidades artisticas e, finalmente, — e é o que mais nos importa — medalhas e moedas.

A êste facto se referem uns versos dirigidos ao Dr. João Mendes Sachetti Barbosa, agradecendo-lhe um presente de medalhas e conchas, e intitulado «O génio do museu — Sonho», e que transcrevemos de p. 55 do volume IV das poesias:

..Eu sou o Genio,
Que sobre o teu Museu attento vela,
Que invisivel o cerca, que o protege,
Que cuida em augmentallo e enriquecello.
Para este fim rompendo a densa nuve,
Que a teus olhos me cerra, a advertir-te
De teus descuidos vigilante venho,
Como esperas, Elpino, que elle creça,
Nas ricas producções da Natureza,
Ou nas que destra mão de antigo mestre
Subtilmente lavrou, que o tempo esconde
Da madre Terra no profundo seio, —
E que a Mão favoravel do Destino
Mil vezes aos mortaes descobre e mostra,
Se ingrato aos beneficios, os esqueces?
Ricas medalhas, exquisitas conchas
Mão liberal te envia, e tu não curas
Nem ao menos sequer de agradecellas!

Quando descreve o Génio do Museu diz:

Uma gorgeira de esmaltadas penas
O colo lhe cercava, e nele em partes
De prata, d'ouro e cobre cem medalhas
De famosos heroes pendentes tinha.

Seria curioso saber que valor teriam estas collecções de medalhas e moedas do nosso António Dinis, e que fim levariam.

O nosso Vieira Lusitano, tam apreciado na pintura e tam pobre na poesia, refere-se a medalhas no seu livro *O insigne pintor e leal esposo Vieira lusitano*—livro de muito valor, por ser uma exacta autobiografia que serviu de muito auxilio para o belo trabalho do nosso distinto escritor Sr. Visconde de Castilho.

De êle copiamos, da p. 236, as seguintes singelas quadras que se referem aos prêmios que alcançou na Academia de Roma:

Depois que os vates mostrarão
Seus ramalbetes poeticos,
Principiou-se a solemne
Distribuição dos premios.

São estas duas medalhas
Ricas, que a cada mancebo.
D'aquelles dão por memoria
Das honras que merecerão;

Que de São Lucas pintando
Tem a imagem no reverso:
Da outra parte o transumpto
Do almo Pastôr expresso.

Todos os quaes são chamados
Pelos seus nomes inteiros
Em voz alta, e se publicação
As patrias em que nascerão.

Sempre os da classe primeira
Principalmente se appellão
A receber as medalhas,
Que os cardeaes as dispensão.

De uma bandeja de prata,
Quando alli lhas apresentão,
As tomão elles, e logo
Aos chamados as entregão;

Naquelle honorifico acto
Mil louvores lhe aproprião,
E mil promessas lhe fazem
De serem delles protector.

Aqui do grão Barberini,
Eminentissimo excelso,
Tocou por morte a Francisco
Receber delle os seus premios;

O qual com lhaneza summa,
Todo urbano, e todo ameno,
Lhe offereceo amplamente
Seu consideravel prestimo.

Vieira, chegando a Portugal, ofereceu estas medalhas ao seu protector, o Marquês de Abrantes, para figurarem no seu notável museu. É o que Vieira diz nas seguintes quadras a p. 283:

Succintamente deu conta
 Dos seus alcançados premios,
 E lhe mostrou as medalhas
 Que no certamen lhe derão.

Teve o Marquez grande gosto
 Disto, e desvanecimento,
 E lhas pediu para honra
 Do seu singular Museo.

Faltar Francisco não ponde
 A tanto requerimento,
 Que venerou dignamente
 Como estimvael preceito.

Dellas lhe fez, generoso,
 Tão franco offerecimento
 Que confissões de obrigado,
 Ouvio do grão Cavalheiro;

O qual antes que as Medalhas
 Recebesse, quiz primeiro
 Que elle a seus Pais as mostrasse,
 Como era justo e direito.

Agora passemos a tempos mais modernos.

A propósito da medalha instituída por D. João VI, e chamada de *Vila Franca* ou *da poeira*, há um soneto anónimo attribuído por Soriano a João Eduardo de Abreu Tavares, e alusivo a ter aparecido uma imagem do menino Jesus com um hábito de Cristo ao pescoço e uma *medalha da poeira* ao peito. De p. 567 do livro de Soriano, *Revelações da minha vida*, tiramos o soneto:

Já vi, e pasmo quando n'isto penso,
 Santa Apollonia mostrando ao povo um dente;
 Já vi deitado n'uma grelha ardente,
 Qual tostado leitão, a S. Lourenço.

Com a lança em punho, capacete immenso,
 Vi S. Jorge acossar fera serpente,
 E a S. Sebastião, grego tenente,
 Vi nu, tendo por tanga um fino lenço.

Vi Santo Antonio feito peregrino,
 Santa Clara em trajo de padeira,
 E S. Bento rapado ao modo chino;

Tenho visto no mundo muita asneira:
 Só me faltava ver o Deus Menino
 Cavalleiro da Ordem da poeira.

Ainda referente a esta medalha há um pasquim liberal, que extratamos de p. 37 do mesmo livro de Soriano:

Fidelidade ao rei, e á patria
Forte medalha!
Qual será a patria de tão vil canalha?

A p. 21 do *Cancioneiro popular politico*, de António Tomás Pires, vem as duas seguintes quadras referentes às medalhas da «Real Efigie» ou da «Real empigem», como lhe chama um jornal de Garrett, o *Chaveco Liberal*, que no seu n.º 2, de 17 de Setembro de 1829, diz: «distribuiram-se alqueires de medalhas da Real Empigem». Como todos nós sabemos, estas medalhas foram muito bem estudadas pelo notável numismata o Sr. Dr. Artur Lamas (*O Arch.*, xv, 25 sgs.).

Eis as quadras:

O nosso rei D. Miguel
É bonito e bem feito,
Prometteu aos realistas
Uma medalhã p'ró peito.

D. Miguel é pequenino,
É pequenino e bem feito,
Prometteu aos seus soldados
Uma medalha p'ró peito.

E a estas despreziosas notas se resume o nosso modesto artigo, cujo único interêsse está em nele se referirem várias cousas espalhadas por diferentes livros e referentes à numismática portuguesa.

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA.

Inscrição romana de Montemor-o Velho

Existe no Museu Arqueológico do Instituto de Coimbra uma lápide calcárea, que tem dentro de uma moldura artística a seguinte inscrição, que lá copiei, e que não vem no *Corpus*:

D * M * S
L * CADIO CELLAE * ANN
XXVII * L * CADIVS * SCARVS
ET VALERIA * RVFINA
PARENTES * F * OPTIMO
F * C